ISSN 2237-258X

GRUPO DE PESQUISA "FORMAR": INOVAÇÃO OU REINVENÇÃO DE SABERES?

Grupo de investigación "Formar": innovación o reinvención de saberes?

Research group "Formar": innovation or reinvention of knowledge?

Mônica Vasconcellos[1]
Mylene Santiago[2]

Resumo
Inserido no Observatório Internacional de Inclusão, Interculturalidade e Inovação Pedagógica, este trabalho busca problematizar o conceito de inovação pedagógica e relacioná-lo à trajetória de constituição de um grupo de pesquisa voltado ao estudo de questões ligadas à formação docente e suas relações com a adoção de práticas que rompem com o modelo tradicional. Com essa finalidade, inicialmente, fomentaremos um debate acerca do referido conceito, no contexto da formação de professores, e suscitaremos reflexões relacionadas a esse campo alinhadas às discussões da área sobre a formação docente. Em seguida, apresentaremos informações relativas à constituição do grupo de pesquisa denominado Formar, cujo objetivo foi indicado anteriormente. Credenciado ao Diretório de grupos do CNPq, o Formar é composto por professores e discentes de instituições públicas da região Sudeste do Brasil. Os dados apresentados neste artigo foram pautados pelas informações descritas no diário de bordo da coordenadora do grupo e nas atas produzidas a cada reunião. Em linhas gerais, os resultados apontam que o grupo nasce com o espectro da colaboração compreendido como princípio que fundamentará os encaminhamentos em suas diferentes dimensões e ações.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de professores. Grupo de pesquisa e inovação pedagógica

Abstract
Inserted in the International Observatory of Inclusion, Interculturality and Pedagogical Innovation, this work aims to problematize the concept of pedagogical innovation and relate it to the research group constitution trajectory. This research group is focused on the study of questions linked to teacher education and its relations with adopting practices that break with the traditional model. For this, we will initially promote a debate about the referred concept in the teacher education context and we will evoke reflections related to this field, in alignment with the discussions about the teacher education. Then, we will present information regarding

[1] Docente na Faculdade de Educação/Programa de Pós-Graduação em Educação na UFF, campus Gragoatá, Niterói-RJ-Brasil.. Coordenadora do Formar - Grupo de Pesquisa em Formação e Práticas Pedagógicas e do Núcleo de Didática e Formação de Professores. Tutora do Grupo PET/Conexões de Saberes. Email: monicavasconcellos@id.uff.br
[2] Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Campus Juiz de Fora, MG, Brasil. Professora adjunta do Departamento de Educação. Universidade Federal Fluminense (UFF), Campus Gragoatá, Niterói, RJ, Brasil, Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação. E-mail: mylenesantiago87@gmail.com

the constitution of the research group named Formar whose objective was previously indicated. The group was accredited in the CNPq Group Directory and it is composed of professors and students from public institutions in the Southeast Region of Brazil. The presented data are based on the information described in the logbook of the group coordinator and in the records of each meeting. In general, the results indicate that the group arises with the spectrum of collaboration recognized as a principle that will base our referrals in their different dimensions and actions.

KEYWORDS: Teacher education. Research group and pedagogical innovation

Resumen

Inserido en el Observatorio Internacional de Inclusión, Interculturalidad e Innovación Pedagógica, este trabajo busca problematizar el concepto de innovación pedagógica y relacionarlo a la trayectoria de constitución de un grupo de investigación orientado al estudio de cuestiones ligadas a la formación docente y sus relaciones con la adopción de prácticas que rompen con el modelo tradicional. Con este propósito, inicialmente, fomentaremos un debate sobre el referido concepto, en el contexto de la formación de profesores y suscitaremos reflexiones relacionadas a este campo, en conformidad con las discusiones del área sobre la formación docente. Entonces, presentaremos informaciones relativas a la constitución del grupo de investigación denominado Formar, cuyo objetivo fue indicado anteriormente. Acreditado al Directorio de grupos del CNPq, el Formar está compuesto por profesores y discentes de instituciones públicas de la región Sudeste de Brasil. Los datos presentados en este artículo se basan en la información descrita en el cuaderno diario de la coordinadora del grupo y en las actas producidas en cada reunión. En líneas generales, los resultados apuntan que el grupo nace con el espectro de la colaboración comprendido como principio que fundamenta nuestros encaminamientos en sus diferentes dimensiones y acciones.

PALABRAS CLAVE: Formación de professores. Grupo de investigación e innovación pedagógica

INTRODUÇÃO

O Observatório Internacional de Inclusão, Interculturalidade e Inovação Pedagógica (OIIIIPE) tem como objetivo principal investigar contradições e perspectivas emergentes em propostas e experiências de inclusão, interculturalidade e inovação pedagógica desenvolvidas no processo de formação de educadores em universidades nacionais e internacionais, por meio de variadas metodologias e de subprojetos de pesquisa desenvolvidos colaborativamente pelas universidades participantes, sendo respeitadas as demandas regionais de cada Instituição de Ensino Superior (IES).

O grupo que compõe o OIIIIPE tem se constituído como rede internacional de pesquisadores desde 2015 e até o momento conta com a participação de 25 instituições de ensino superior nacionais e internacionais. Entre as principais ações implementadas

destacamos as reuniões virtuais realizadas mensalmente, que nos possibilitam trocar informações e traçar os rumos da pesquisa à qual estamos integradas. Ressaltamos, ainda, os encontros presenciais, itinerantes, que ocorrem duas vezes por ano, o que nos propicia conhecer as pesquisas desenvolvidas pelos colegas pesquisadores no âmbito do Observatório. Tais pesquisas têm sido pautadas pelos processos de inclusão, interculturalidade e inovação pedagógica no domínio de cada instituição, considerando os contextos locais, e um de seus pilares é o princípio da colaboração.

De acordo com Desgagné (2007), a pesquisa de caráter colaborativo desdobra-se em três princípios: processo de coconstrução entre os parceiros envolvidos; articulação de conhecimentos e desenvolvimento profissional dos docentes; e aproximação e mediação entre universidade e escola. Em nosso caso, a experiência de pesquisar coletivamente, por si só, já tem sido uma proposição diferenciada e de combate ao isolamento tão presente nas instituições de ensino superior, por articular um considerável quantitativo de pesquisadores brasileiros e estrangeiros que, continuamente, se debruçam sobre pontos comuns e traçam procedimentos metodológicos voltados às questões do próprio OIIIIPE.

Seis dos membros do OIIIIPE são professores da Universidade Federal Fluminense (UFF) e cinco deles passaram a compor esse Observatório em 2017. No mesmo período, constituíram o "Formar/CNPq – Grupo de Pesquisa em Formação e Práticas Pedagógicas", que nasce após quatro anos de amadurecimento das ideias de suas integrantes. Em outras palavras, o Formar configura-se, oficialmente, em 2017 com o intuito de desenvolver investigações ligadas à formação docente e suas relações com a adoção de práticas que rompem com o modelo tradicional, porém sua história antecede o vínculo de seus membros ao Observatório. Em linhas gerais, seu foco tem forte conexão com a proposta do OIIIIPE e, sem dúvida, é um ponto de intersecção entre ambos. Em contrapartida, o OIIIIPE tem como um de seus eixos a inovação pedagógica que, para o grupo Formar, ainda é compreendida como um ponto de interrogação.

As razões para essa posição estão apresentadas neste artigo organizado em quatro tópicos, sendo o primeiro deles denominado "Inovação pedagógica: do que estamos falando?". Nele, sistematizamos um breve panorama acerca das contribuições da literatura a propósito do conceito abordado e apresentamos diferentes definições pautadas pelas contribuições dos estudiosos do assunto, articulando-as aos movimentos do próprio OIIIIPE diante do estudo desse tema.

No tópico “Formar para nos reinventar... como nasce um grupo de pesquisa?”, desvelamos as razões pelas quais o grupo de pesquisa “Formar” foi originado e tecemos esclarecimentos relativos aos processos de constituição, implementação e composição do grupo, entre outros assuntos. Na sequência, no item intitulado “Inovação pedagógica: um conceito em questão”, esclarecemos as inquietações que têm provocado os membros do Formar a se debruçarem sobre o conceito em estudo e a se questionarem sobre sua adoção como referência/categoria de suas pesquisas. Por fim, tecemos nossas considerações finais sempre provisórias e com promessas de novos caminhos.

Inovação pedagógica: do que estamos falando?

O que é inovação pedagógica? Como explicar esse conceito? Iniciamos nosso texto com as indagações que têm sido a tônica de nossos estudos. Inovação pedagógica não tem significação consensual ou concepção unívoca nas políticas nacionais e internacionais, tampouco em nossa rede de pesquisa. Para exemplificar, informamos que, em um primeiro momento, para fins de coleta de dados com os gestores das universidades participantes do OIIIIPE, definimos inovação pedagógica como

> [...] práticas que rompem com o paradigma da racionalidade técnica, baseadas, entre outros aspectos, em lógica disciplinar e na pura transmissão de conhecimentos científicos. As práticas formativas inovadoras requerem inovação curricular na universidade, um currículo que reconheça as diferenças, o desenvolvimento de posturas investigativas e o fortalecimento dos saberes mediante a participação ativa dos estudantes, entre outros aspectos (OIIIIPE, 2016).

Portanto, em nossa definição inicial, inovação pedagógica diz respeito à ruptura com práticas reprodutoras dos diferentes saberes e requerem mudanças de postura diante do conhecimento. Mediante a necessidade de avançar na compreensão do tema, trouxemos para nossas reuniões virtuais, textos que possibilitassem ampliar nossas perspectivas sobre o conceito. Fino (2008, p. 5) ajuda a expandir nosso entendimento ao afirmar que:

> Inovação pedagógica não é uma questão que possa ser colocada em termos estritamente quantitativos ou de mera incorporação da tecnologia, do gênero mais depressa, mais eficazmente, mais do mesmo. [...] Inovação pedagógica só se pode colocar em termos de mudanças e transformação. [...] transformação das escolas e de seus pressupostos fabris. Inovação pedagógica passa por uma mudança de atitude do professor, que presta maior atenção aos contextos de aprendizagem de seus alunos.

Há certa tendência em associar inovação à tecnologia, entretanto confirmamos que inovar requer mudanças, sobretudo de atitude. Nesse sentido, à medida que ampliamos nossos

debates, sentimos necessidade de transformar ou problematizar nossos próprios contextos de produção de conhecimento e de práticas pedagógicas.

Fino (2011) compreende inovação pedagógica como ruptura de natureza cultural, se considerarmos as culturas escolares tradicionais, ou seja, implica a emergência de culturas novas, provavelmente estranhas aos olhares conformados com a tradição. O autor acrescenta que o caminho da inovação raramente passa pelo consenso ou pelo senso comum, mas por saltos absolutamente assumidos em direção ao muitas vezes inesperado. Em síntese, se a inovação não fosse heterodoxa, não seria inovação.

Uma relevante recomendação feita por Fino (2011), ao considerar que inovação abrange obrigatoriamente as práticas, envolve a afirmação de que inovação não deve ser procurada nas reformas do ensino, ou nas alterações curriculares ou programáticas, ainda que ambas, reformas e alterações, possam facilitar, ou mesmo sugerir, mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas. Nas palavras do autor:

> Como estou consciente destes condicionantes, e porque me interesso por inovação pedagógica, que entendo, essa sim, como heterodoxia, ruptura paradigmática, disrupção, cuja ocorrência é praticamente impossível no território curricularizado da escola, é com bonomia que **reafirmo que a palavra transgressão não faz qualquer sentido quando associada a currículo** (FINO, 2016, p. 16 – grifo nosso).

Tal afirmação pressupõe a desconstrução do modelo que vem sendo adotado pelo sistema educacional brasileiro, que tem restringido políticas públicas a proposições de caráter curricular, com intenções legislativas, orientações e diretrizes que nunca obtêm efetivação ou êxito, no sentido de transformar a realidade das culturas escolares.

Considerando que a transgressão não faz qualquer sentido quando associada ao currículo, indagamos: Será que as propostas curriculares que vêm sendo adotadas nas políticas públicas realmente anseiam por mudanças? A esse respeito, Fino (2006, p. 13) vai além, ao problematizar:

> Como desactivar esta visão apriorística de escola, quer nas nossas mentes, quer nas mentes dos pais dos alunos, dos decisores escolares e dos políticos, para que a questão da inovação deixe de ser uma espécie de excentricidade de "cientistas da educação", ou, pior ainda, uma absoluta falsificação destinada a "vender" o velho paradigma utilizando novos meios?

Para o autor, a primeira etapa de qualquer processo de inovação terá de coincidir com uma tomada de consciência dos constrangimentos existentes contra ela. Ou seja, inovar

pressupõe desejar e operar mudanças nas próprias concepções e práticas. Significa ruptura e, se necessário, desaprender para dar espaço ao novo. Em outras palavras:

> Inovar é isso mesmo. Não se trata de procurar soluções paliativas para uma instituição à beira do declínio. Trata-se de olhar para além dela, imaginando outra, deixando de se ter os pés tolhidos pelas forças que conduzem inexoravelmente em direcção ao passado [...]. Enquanto lá fora, a vida real se vai permanentemente reestruturando e transformando em torno de uma realidade sempre nova (FINO, 2006, p. 14).

Um pouco mais cientes sobre o conceito de inovação em uma perspectiva de transformação/transgressão, passamos à outra pergunta: Como construir processos inovadores em nossas instituições? Claro que não há receita! Entretanto, contaremos a história de como temos constituído nosso grupo de pesquisa Formar em processos formativos que buscam transformar nossos *saberes-fazeres* na dimensão pessoal, coletiva e institucional.

"Formar" **para nos reinventar...**

O surgimento de uma ideia ou a criação de um grupo de pesquisa traz sempre consigo uma história que, ao ser narrada, ajuda a compreender suas características, seus entraves, avanços e sentidos. Em nosso caso, a composição do grupo de pesquisa "Formar" não foi diferente, considerando que sua identidade tem relação com os percursos profissionais do conjunto de professoras que o constituiu. Nosso elo foi originado no primeiro semestre de 2012, quando quatro docentes[3] – incluindo as autoras deste trabalho – foram aprovadas para a área da Didática, no concurso realizado pela Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (FEUFF).

No ano seguinte, três dessas professoras haviam tomado posse[4] na FEUFF e uma delas (Mônica Vasconcellos) propôs às demais a composição de um grupo de pesquisa que articulasse suas perspectivas teóricas, com o intuito de desenvolver investigações que contemplassem seus interesses, ajudassem a fortalecer a área da Didática no interior da Universidade e, principalmente, fomentassem o debate sobre a formação de professores. Como estávamos na instituição há pouco tempo, as professoras consultadas julgaram adequado aguardar um período de tempo maior para que adquiríssemos uma experiência acadêmica mais sólida antes de decidirmos.

[3] Mônica Vasconcellos, Mylene Domingues Santiago, Lisete Jahen e Walcéa Barreto Alves.
[4] A professora Walcéa Barreto Alves tomou posse na UFF em 2014.

Diante desse posicionamento, a proposta inicial foi abrandada e cada uma seguiu seu caminho, ora entrecruzando ações, ora estabelecendo relações com outros pares, como é de esperar. Em 2017, um novo concurso foi realizado para Didática e a chegada de uma nova professora[5] reacendeu a proposta inicial em razão do interesse que expressou em empreender algo semelhante ao que havíamos pensado. Por conseguinte, agendamos uma primeira reunião, que ocorreu em outubro do mesmo ano, com a finalidade de discutir e definir alguns aspectos necessários ao andamento do trabalho.

Nessas primeiras reuniões, o foco foi o estudo dos textos selecionados de acordo com os objetivos do grupo, bem como a definição de aspectos relativos ao funcionamento do próprio grupo, conforme explicita o Quadro 1. Durante as reuniões quinzenais que ocorrem na FEUFF, a coordenadora e boa parte dos integrantes registram em seus diários pessoais as informações abordadas (VASCONCELLOS, 2009) com a intenção de retomá-las sempre que necessário e, desse modo, propiciar a avaliação do processo em andamento. Esses dados também contribuem com a preparação das atas elaboradas e compartilhadas, via *e-mail*, entre os membros, após os sucessivos encontros. Ao partilhá-las, todos têm a oportunidade de alterar ou acrescentar informações, além de acompanhar os avanços, os recuos, as compreensões e as dúvidas apresentadas. De fato, nesse tipo de documento é fundamental

> [...] não só o registro das regularidades [...], mas também o registro dos eventos imprevistos, das surpresas, do inesperado, dos impasses e dos encaminhamentos e soluções adotados em campo, um registro dos equívocos eventualmente cometidos, das decisões que redundaram em problema [...]. Tudo isso ajuda à autocrítica [...] [dos pesquisadores], dos seus modos de agir, bem como permite definir os limites de validade das informações e conclusões. Abre-se com isso uma entrada para a compreensão da "não neutralidade", seus coloridos, suas constituições e possíveis vieses (GATTI, 2002, p. 64).

Logo de início, foi lembrado que, durante algumas conversas informais que antecederam a primeira reunião, a temática da inovação pedagógica foi mencionada como campo de interesse de parte do grupo, tanto no tocante à realização do trabalho com a Didática quanto ao desenvolvimento de pesquisas. Tal intenção foi enfatizada na ocasião e indicada por todas como foco dos estudos e das pesquisas que passaríamos a realizar.

A esse dado acrescentou-se o fato de que esse tema corresponde a um dos eixos contemplados pelo Observatório Internacional de Inclusão, Interculturalidade e Inovação Pedagógica (OIIIIPE) que, desde o segundo semestre de 2017, conta com a participação efetiva das mesmas professoras. Em outras palavras, ao desenvolvermos pesquisas

[5] Trata-se da professora Sandra Maciel.

relacionadas à inovação pedagógica, atenderíamos aos anseios do Formar[6] e favoreceríamos a ampliação e a consolidação dos estudos propostos pelo Observatório.

Diante do consenso a esse respeito, outras quatro reuniões ocorreram no mesmo ano, cuja pauta contemplou aspectos mais específicos, tais como:

Quadro 1 – Definições das primeiras reuniões do grupo de pesquisa "Formar" – 2017

Pontos abordados	Encaminhamentos
Nome do grupo	Formar – Grupo de Pesquisa em Didática, Formação de Professores e Práticas Pedagógicas
Linhas de pesquisa	Formação de Professores e o Início da Carreira; Formação de Professores e Práticas Pedagógicas
Campos de estudo	Saberes docentes, identidade profissional, formação de professores, profissionalização docente e suas relações com a inovação pedagógica
Coordenação[7]	Professora Mônica Vasconcellos
Periodicidade das reuniões	Quinzenal
Primeiros estudos	a) "Inovação Pedagógica: significado e campo (de investigação)" de Carlos Nogueira Fino (2008) b) "Inovações na educação superior: impactos na prática pedagógica e nos saberes da docência", de Maria Isabel Cunha (2016)
Aspectos centrais	a) O projeto de pesquisa a ser desenvolvido pelo grupo será elaborado e implementado coletivamente, após estudo de parte do quadro teórico e delimitação do objeto de estudo. b) Nossas pesquisas enfocarão práticas desenvolvidas na educação básica, no sentido de identificar, analisar e publicizar aquelas que rompem com as abordagens tradicionais. c) Estudar inovação pedagógica requer imersão no ambiente escolar e trabalho em colaboração com professoras/es e

[6] Atualmente, o Formar é constituído pelos seguintes membros: Monica Santos, Marcelo Báfica, Rejany Dominick, Walcéa Barreto Alves, Lisete Jahen, Mylene Domingues Santiago, Sandra Maciel, Mônica Vasconcellos, Dinah Terra, Marcia Maria Silva, Ana Paula de Jesus, Beatriz Matos, Tamires Caldas, Patricia Passos, Daniele Rodrigues e Cyntia Rezende. Com exceção da professora do Colégio Universitário Geraldo Reis – Monica Santos –, os demais são docentes da UFF.

[7] Embora a professora Mônica Vasconcellos responda oficialmente pela coordenação do Formar e a professora Lisete Jahen pela vice-coordenação, todos os encaminhamentos são definidos em conjunto, pelos membros do Grupo.

	estudantes da escola e da universidade.
Ressalvas	a) Restrições relacionadas ao conceito de "Inovação", em razão das marcas teóricas que carrega desde a origem. b) Indicação da possibilidade de formularmos um conceito que represente os diferentes contextos aos quais estamos submetidas em nosso país, suas especificidades e as intencionalidades do grupo Formar.

Fonte: autoras.

Ao analisar o Quadro 1, verificamos que, para além das discussões e tomada de decisão de natureza prática, as cinco primeiras reuniões do Formar apontaram perspectivas teórico-metodológicas que contrariam nossas experiências anteriores, com relação à participação em outros grupos de pesquisa. Isso porque esse grupo nasce com o espectro da colaboração compreendido como princípio que fundamentará nossos encaminhamentos em suas diferentes dimensões. Nosso intuito é manter a horizontalidade nas relações para que todas sejamos autoras deste processo e corresponsáveis pelas ações tomadas, independentemente da função que desempenhamos na universidade ou na escola. Isso implica construir práticas colaborativas afinadas com os interesses do grupo, sem perder de vista suas referências individuais. Assim sendo,

> [...] os diversos participantes trabalham em conjunto com relativa igualdade e numa relação de ajuda mútua, procurando atingir objetivos comuns. [...] [Um grupo como este] pressupõe negociação cuidadosa, tomada coletiva de decisões, comunicação, diálogo e aprendizagem por parte de todos os intervenientes (PONTE, 2004, p. 38).

De posse desse entendimento, informamos que nosso grupo tem por objetivo identificar, analisar e publicizar práticas que rompem com as abordagens tradicionais. Para tanto, defendemos a necessidade de imergir no ambiente escolar para que possamos acompanhar, "[...] analisar e teorizar sobre a prática de sala de aula, sobre a escola e sobre a sociedade, criando condições" (IBIAPINA, 2008, p. 16) favoráveis ao reconhecimento e à valorização da escola como espaço emancipatório do sujeito. Essa modalidade de pesquisa suscita a

> [...] compreensão do microssocial sem perder de vista o macrossocial [e] dá mais poder aos indivíduos para que eles compreendam, analisem e mudem essas realidades, desvelando as ideologias existentes nas relações mantidas no cotidiano escolar e na sociedade (IBIAPINA, 2008, p. 27).

Quanto à adoção do conceito de inovação pedagógica como referência teórica do Formar, podemos dizer que, de um lado, ainda não há consenso por parte do grupo. Embora os textos estudados até o presente (Quadro 1) tenham gerado debates substanciais, provocado relações com outros campos de estudo e evidenciado potencial para nossas investigações, julgamos precoce sua apropriação. Em contrapartida, há conformidade acerca do entendimento de que a proposta de trabalho em construção pelo Formar tem caráter inovador, por todas as razões aqui apresentadas, e traz consigo um posicionamento político diante das agressões e violações aplicadas à escola, em especial, à escola pública desse país.

A esse respeito, o Professor Miguel Arroyo,[8] em palestra proferida na Universidade Federal Fluminense, afirmou que estamos em meio a uma crise de identidade docente e em processo de reinvenção da própria docência. Entre outros fatores, essa crise é provocada pelo cerceamento e pela precariedade imposta ao trabalho do professor, pela prescrição de um currículo-padrão e pelo protótipo único de formação que acaba gerando um modelo único de professor. Este, por sua vez, ao se defrontar com uma realidade difícil e complexa, não encontra elementos ou redes de apoio que lhe ajudem a superar os desafios suscitados pela profissão. Segundo o pesquisador, a superação desse quadro passa por diferentes fatores, entre os quais destacam-se a reflexão coletiva dos sujeitos a propósito da educação e a necessidade de dar visibilidade e centralidade às didáticas que o professor põe em prática para reinventar-se.

Esse último ponto nos interessa, em particular, por provocar a ruptura com o estabelecimento de padrões externos em direção à escola e por favorecer a valorização, a reflexão e a difusão de práticas diferenciadas implementadas nesse espaço. Além de uma ação política perante a desvalorização do professor e da escola, ao contemplar esse campo, entendemos que nossas análises poderão contribuir com o desenvolvimento profissional dos envolvidos e com a formação de futuros professores. Com esse intuito, a criação do Formar possibilita nossa própria reinvenção como professoras, pesquisadoras e formadoras de professores.

[8] A palestra ocorreu em setembro de 2017 e contou com a presença de professores e estudantes da Faculdade de Educação da UFF.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar o título de nosso artigo, damo-nos conta de que o termo inovação nos sugere uma busca de reinvenção de sentidos e significados dos nossos *saberes-fazeres* e de nossa identidade pessoal, coletiva e institucional.

A pesquisa no âmbito institucional (Formar) e em rede (OIIIIPE) tem nos proporcionado experiências formativas desafiadoras e, às vezes, desestabilizadoras, visto que o encontro contínuo com o outro muitas vezes tira-nos da zona de conforto, rouba-nos verdades e oferece-nos incertezas.

A ruptura com o isolamento e a busca de *saberesfazeres* colaborativas inauguram novas práticas e interações no espaço universitário que buscam romper com a lógica produtivista e o mal-estar por ela causado. As relações de poder na lógica colaborativa sofrem um redimensionamento, à medida que práticas dialógicas fomentam novas formas de participação, intervenção e produção de saberes que nos fortalecem como sujeitos e profissionais, que buscam mudanças e acreditam que educar é uma forma de intervenção no mundo.

Acreditar e lutar por mudanças no cenário atual não se trata de presunção, mas de comprometimento e esperança, recursos essenciais para superar momentos de retrocessos políticos e de supressão de direitos conquistados, reafirmando-nos ou reinventando-nos como professoras e professores, cuja atividade profissional requer, sobretudo, postura política.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Maria Isabel. Inovações na educação superior: impactos na prática pedagógica e nos saberes da docência. Em Aberto, Brasília, v. 29, n. 97, 2016, p. 87-101.

DESGAGNÉ, Serge. O conceito de pesquisa colaborativa: a ideia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 29, n. 15, p. 7-35, maio-ago. 2007.

FINO, Carlos Manuel Nogueira. Inovação e invariante (cultural). *Atas do VII Colóquio sobre Questões Curriculares.* Braga: Universidade do Minho, 2006. Disponível em: <http://www.uma.pt/carlosfino/publicacoes/a3.pdf>.

_____. Inovação pedagógica: significado e campo de (investigação). In: MENDONÇA, Alice; BENTO, António V. (Org.). *Educação em tempo de mudança*. Funchal: Grafimadeira, 2008. p. 277-287. Disponível em: <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/Investigacao_e_inovacao.pdf>.

_____. Investigação e inovação (em educação). In: _____; SOUSA, Jesus Maria (Org.). *Pesquisar para mudar (a educação)*. Funchal: Universidade da Madeira CIE-Uma, 2011. p. 29-48. Disponível em: <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes.htm>.

_____. Inovação pedagógica e ortodoxia curricular. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, São Cristóvão, v. 9, n. 18, p. 13-22, jan.-abr. 2016.

_____. Inovação Pedagógica: Significado e Campo (de investigação). In Alice Mendonça & António V. Bento (Org). *Educação em Tempo de Mudança*. Funchal: Grafimadeira, pp 277-287, 2008.

GATTI, Bernadete Angelina. *A construção da pesquisa em educação no Brasil*. Brasília: Plano, 2002. v. 1. (Pesquisa em educação.)

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. *Pesquisa colaborativa*: investigação, formação e produção de conhecimento. Brasília: Líber Livro, 2008.

OIIIPE - Observatório Internacional de Inclusão, Interculturalidade e Inovação Pedagógica. Lapeade/UFRJ, 2016. Disponível em: <http://www.lapeade.com.br/pesquisas.html>

PONTE, João Pedro da. Pesquisar para compreender e transformar a nossa própria prática. *Educar em Revista*, v. 24, p. 37-66, 2004.

VASCONCELLOS, Mônica. *Formação docente e entrada na carreira*: uma análise dos saberes mobilizados pelos professores que ensinam matemática nos anos iniciais. 2009. 206f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

Recebido em:20/10/2017
Aceito em: 22/01/2018